

Aniversário d'O GAIATO

O número 1 tem a data de 5 de Março de 1944.

O jornal aparece como uma surpresa que se repetirá todos os «1.º e 3.º Domingos de cada mês até ao fim do mundo».

Não tem editorial nem linhas programáticas. É o sobressalto evangélico necessário à Caridade cristã e por ela alimentado, como um «revolucionário pacífico».

Em artigo de fundo, em vez das grandes linhas de pensamento e programação, Pai Américo conta o que já fez em Coimbra e a história desenvolvida no seu íntimo, até chegar a Paço de Sousa com o plano de criar uma Aldeia de beleza e amor ao serviço da educação do rapaz da rua, dominada pelo espírito de família.

Aparecem como personagens dos seus sonhos concretizando, o Arquitecto Teixeira Lopes, o Engenheiro Duarte Pacheco e os Portuenses.

Em oposição frontal ao espírito dos *internatos* — asilos, orfanatos e tutorias — Pai Américo cria uma Aldeia com casas familiares, onde se impõe o calor, a luz e a ternura de uma família normal.

Aos *internados* — nome execrado por ele — Pai Américo chama naturalmente gaiatos ou rapazes.

Hoje, sem mudança de espírito, os internatos chamam-se instituições e às infelizes crianças e jovens dá-se o epíteto de institucionalizadas.

Mudou o nome. A realidade é idêntica. Não é por terem técnicos qualificados que o ambiente se modificou. Antes pelo contrário. Não bastou mudar o nome para lares nem sequer melhorar as estruturas físicas. O mal não está nos nomes, mas na falta de espírito.

Toda a criança traz em si o peso natural que exige a família,

na qual deveria ser sempre gerada e não de qualquer modo.

Em termos jurídicos, as Casas do Gaiato deviam ser consideradas entidades familiares e nunca os seus filhos crianças ou jovens institucionalizados. Nunca!...

A realidade é outra e bem diferente. Pelos nossos filhos vivemos como se os tivéssemos gerado, criamos todos os dias, dependendo continuamente deles e queimando o nosso coração em todas as suas vicissitudes, como pais e mães de família que somos.

A Obra da Rua é uma Obra apostólica não só com palavras e escritos, mas sobretudo com obras e vida. Nem sequer é uma IPSS. Fomos apanhados por um enquadramento legal, sem outras perspectivas ou saída, na administração dos canones laicos.

A Igreja, nesta revisão da Concordata, tem uma palavra a dizer. Somos Obra da Igreja.

Só dependemos do Estado para acolher os Pobres e seus filhos deserdados da paternidade.

Esperamos alguém com capacidade, seriedade, sabedoria, confiança e posição que nos ponha no lugar legal a que temos direito e que somos de facto.

O GAIATO continua ainda a ser vendido pelos rapazes nalgumas cidades. Limitados como estamos pelas exigências escola-

res, a venda tem sido diminuída. O jornal precisa de aumentar a sua tiragem e isso depende também dos nossos Leitores amigos.

Padre Carlos e Padre João têm feito campanhas de assinaturas. É urgente que mais Amigos as façam também, entre os seus conhecidos, nas suas paróquias e ambientes de trabalho para que chegue até «ao fim do mundo».

Padre Acílio

Da Educação

«Hoje é um dia consagrado ao nosso Deus. Porque é santo o Dia do Senhor, não vos entristeçais nem choreis — A alegria do Senhor é a nossa fortaleza.»

(Cf. Nm 8/9, 10)

HOJE é Domingo, 20 de Fevereiro. Esta leitura breve de Neemias que a Liturgia das Horas nos dá na oração da manhã, constitui uma *palavra de ordem*, até por uma certa analogia dos contextos históricos daquele tempo e do nosso. É hora de mudança: de cada um reconhecer a sua culpa nos sofrimentos passados e de se abrir ao Deus da Aliança sempre pronto a renová-la.

O nosso Povo tem fé. Maioritariamente, tem. Mais ou menos esclarecida..., mas tem. Quanto mais entre os homens vemos menos em quem pôr a nossa confiança, mais temos de pôr toda a nossa esperança no Senhor. Não que venha Ele directamente governar-nos, mas que suscite homens segundo o Seu coração, plenamente ambiciosos de servir, não de servir-se. Homens de coração livre e consciência recta.

O problema máximo que nos aflige, porque me parece estar no fundamento de todos os outros, é a Educação. Não me refiro apenas ao que cabe ao Ministério das Letras e das Ciências que há dezenas de anos se chamava da Instrução e depois foi chamado da Educação Nacional, abrangendo ainda, sem mais distinções, áreas da cultura.

Das diferentes nomenclaturas e diversificação de objectivos próprios parece inferir-se uma ânsia de alargar e aprofundar estes objectivos. Mas realmente este progresso não aconteceu: Nem mais instrução, nem melhor educação; e a cultura aparece-nos inquinada por muita demagogia.

Falo da Educação num sentido mais lato e generalizado, algo que brota espontaneamente da alma do Povo e tem por substância o senso, o bom senso — faculdade de orientação para o Bem Comum, do qual certo seria ser parte o bem próprio de cada um. Algo que nunca está acabado e carece de aperfeiçoamento, exactamente o fruto do ambiente cuidado e trabalhado pelo que oficialmente se institui para educar, isto é, produzir *acidentes* que dariam melhor forma e mais harmonia à *substância* pré-existente na alma do povo. É o que deveria ser..., mas não é. Neste sentido a sociedade tem crescido em deseducação, relegando valores éticos que são referência de sempre, empolando direitos em desequilíbrio de deveres, promulgando a «moral do instante e do prazer» como dinâmica da «realização pessoal», seja qual for o preço em atropelos aos direitos e à «realização pessoal» dos outros. É um personalismo suicida, porquanto o homem se realiza mediante a sociedade e sem ela e fora dela, acabará ele mesmo por perder o equilíbrio e tombará. Será isto para alguém «realizar-se»?!

Continua na página 4

Encontros em Lisboa

O ninho dos cucos

NÃO percebo bem porquê, mas talvez seja dos tempos em que estamos ou dos momentos em que vivemos, não me sai da cabeça o cuco. Aparece por estas alturas e dizem que põe os ovos no ninho dos outros. Farta-se de cantar, pensando que com o seu cantar faz chegar a Primavera e, depois, falta-lhe tempo, engenho e arte para fazer o seu ninho

onde possa receber os seus filhos.

Isto de nós nos andarmos a lembrar dos tempos em que os animais falavam e lembravam aos humanos lições de sabedoria e inteligência pode significar que, no cinzentismo que atravessamos por parte de alguns serviços oficiais, eles, a única maneira de mostrarem que existem é cantar e tentar ocupar o ninho que

levou muitos anos de insónia, carinho, dedicação e luta.

Vamos esperar que os cucos tenham juízo, queiram trabalhar e aprendam a fazer o seu ninho. Talvez nessa ocasião possamos alegrar-nos porque existem formas diferentes e é a diferença que faz a beleza e é também na diferença que se podem encontrar respostas mais humanas, criando uma sadia luta pelo melhor.

Por agora vamos tentar defender o ninho dos cucos, que eles não estraguem o ninho e acabem por deitar fora os ovos que aí se encontram e que tanto demoraram a conquistar.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

À beira da casa onde nasceu Padre Horácio

ESCREVO esta «tribuna» à beira da casa onde Padre Horácio nasceu. Na terra que o viu nascer e onde cresceu, a Lentisqueira: na terra que, quando «consumado» o seu cálice, acolheu os seus restos mortais, na esperança da fé, na ressurreição dos mortos.

Veze sem conta, aqui vim com ele, em dia de segunda-feira e outros mais festivos... Encontro

familiar que nunca deixou de envolver os seus gaiatos.

Neste número de aniversário d'O GAIATO recordo-o com saudade e com fé. Durante cinco décadas, Padre Horácio foi artífice d'O GAIATO, pontual e quinzenalmente. Arranjava sempre um espaço de tempo para escrever, sem falhar. Muitas vezes era aquele intervalo de tempo que mediava a distribuição

do jornal nas ruas, pelos rapazes. Tinha um estilo simples e cristalino. Não rebuscava o verbo ou burilava a palavra certa. Tudo saía do seu coração sofredor e atento às dores alheias. O sangue e a fé, a «tinta» da sua prosa. Tal como Pai Américo tinha sugerido: «escrever como quem reza», para convencer os corações.

Aqui bem perto, sente-se a sua presença, como dizia alguém,

acerca da morte dos seus mais queridos: «não os consigo ver, mas sei que andam por aí perto...»

O jornal O GAIATO foi sempre uma «tribuna» que lhe permitiu

falar a todos, aos grandes, aos ricos e aos pobres, do amor de Deus para com a criança abandonada e as famílias degradadas no seu amor e no seu viver. Sem

Continua na página 4

Colaboração

NOTA DA REDACÇÃO — Fomos da primeira linha que lançou a primeira edição d'O GAIATO nas ruas do Porto.

Dias de sucesso, pelo amor dos portuenses de coração cheio e alma aberta com a mensagem de Pai Américo nas igrejas e locais onde escutaram a palavra acesa do nosso Fundador que falava dos Pobres, dos gaiatos, e acentuava que os Padres da Rua são Pobres sem ouro nem prata.

— O Padre Américo mandou-vos agora prá rua...!?

A gente ficava, sabe Deus como, com a recepção dos nossos Amigos!

Depois, como pequeninos apóstolos, caminhamos para outros lados na distribuição d'O GAIATO: Braga, Guimarães, Espinho, sei lá...! Em todo o lado a mesma recepção...! O mesmo amor, a mesma admiração, o mesmo calor, o mesmo carinho de gente que ouvira atentamente a palavra cristã de Pai Américo, sobre os Pobres, os seus Rapazes, a sua Obra que nascera em Miranda do Corvo, e, agora, ainda tão viva, graças a Deus, na alma dos Leitores.

Hoje, não poderia deixar de referir esta parte importante da sua vida, de quem lê e sente a mensagem d'O GAIATO.

As cartas que aí vão, são resultado de tudo isso, ora expresso nesta edição aniversária do Famoso.

Os nossos Leitores referem as injustiças, a ingratidão, a indignação que temos sofrido... Outros, com testemunhos de vida, imensa tristeza, o meu apreço de quem não acredita no que dizem.

São almas ricas de amizade, de amor. Centenas. Milhares que estão connosco. Que sentem, como naquele tempo, especialmente, a alma e o coração do nosso Fundador!

Júlio Mendes



Gaiato

Porta-voz da Obra do Padre Américo

«Venho agradecer a recepção, em cada quinzena, do precioso jornal O GAIATO, porta-voz da Obra do Padre Américo nos dias de hoje. Essa Obra voltada para 'os mais pequenos', a que se referem os Evangelhos, os necessitados de amor de pai, de mãe, de uma família que os conduza através dos caminhos do bem. E tudo isso eles vão encontrando através dessa Obra grandiosa de caridade, de amor cristão, essa Escola que prepara os rapazes para serem verdadeiros homens de amanhã.

Tendo a Obra passado, há longos anos, as fronteiras do nosso País, é consolador saber que a Casa do Gaiato continua a Obra do Padre Américo nalgumas cidades das nossas antigas colónias de Angola e de Moçambique, onde a sua presença nunca terá sido tão necessária como nos dias de hoje, onde as guerras fratricidas deixaram estes povos à mercê da fome, das doenças, das mutilações físicas e morais.

Seria bom e justo que os nossos governantes, em vez de tentarem desacreditar esta grandiosa Obra de Caridade Cristã, como tem vindo a acontecer nestes últimos tempos (graças a Deus sem sucesso), procurassem colher dela e pôr em prática, os ensinamentos e experiências frutuozas legados pelo seu fundador Padre Américo, e continuados, ontem, hoje e amanhã, por vós, dignos Padres da Igreja de Cristo.

Sem esquecer que ela se fundamenta na fé, fé com obras, como recomenda S. Tiago, mas também com o apoio monetário dos que não podem dar o seu contributo presencial.

Assinante 23442».

Minha meditação

«Sou um dos que deve muito à Obra da Rua, pois o jornal O GAIATO e outras publicações vossas fazem parte da minha meditação diária e quanto mais vos batem mais eu fico a gostar, pois se sois perseguidos é porque se assemelham com os apóstolos.

Assinante 26358 — Porto».

Obra da Rua

Injustiças

«Venho solidarizar-me com todos os Padres da Rua e repudiar todas as injustiças de que têm sido alvo.

O Pai Américo não permitirá, na sua intercessão junto do Senhor, que continuem a tentar prejudicar aquilo que é uma Obra de Amor e Caridade para aqueles que serão os homens do futuro.

O inimigo do Bem continua a armar e a infiltrar-se em todos os lados. Só Deus Pai tem poder de o destroçar, e, por isso, entreguemos-Lhe tudo nas Suas Santas Mãos!

Assinante 69495».

Ingratidão

«Custou-me ouvir o que tiveram o arrojo de dizer da Casa do Gaiato, e calculo quanto vos custou a ingratidão de quem não quer reconhecer o bem que vós fazeis à sociedade, ensinando os rapazes que serão o futuro da nossa Pátria. Aí aprendem a trabalhar, e é isso que infelizmente condenam aqueles que preferem vê-los perdidos com uma educação torpe que só os leva a vícios terríveis.

Que o santo Padre Américo lá do Céu lhes vá dando forças para continuardes a Obra de Amor que Ele fundou, e que tão heroica-

mente vós tendes continuado tal e qual como Ele principiou.

Assinante 31222».

Testemunho de vida

«Nestas poucas palavras desejava envolver todos os Padres da Obra da Rua. Todos merecem a minha maior admiração. Agradeço o testemunho de vida e dedicação que marcam o nosso mundo.

Tenho seguido com grande indignação a campanha insultuosa contra a Obra da Rua, campanha que a comunicação social espalha por toda a parte. E devo dizer que fico a apreciar ainda mais a Obra da Casa do Gaiato.

Assinante 27524».

Imensa tristeza

«Senti imensa tristeza ao assistir ao programa televisivo relativo às 'Casas do Gaiato', Obra grandiosa fundada pelo grande Homem de Igreja que foi o Padre Américo. Custa-me mesmo compreender como foi possível conceber esse famigerado programa.

Já não sou novo, pois nasci em 1931. Fui ainda contemporâneo do Padre Joaquim Alves Correia, ilustre Espírito e grande sociólogo do século XX. Frequentei o Seminário Espiritano do Fraião — Braga, de 1947 a 1952. Saí na véspera do Noviciado.

Leio o vosso Jornal há muitos anos. Presentemente, estou ligado a um pequeno grupo que se dedica à Doutrina Social da Igreja, doutrina

que se vive com grande amor cristão nas vossas Casas desde o Padre Américo até aos nossos dias. Vejo, entretanto, que isto incomoda certa gente. Jesus Cristo também foi acusado injustamente.

Li as biografias de outros grande arautos da Igreja...

Recentemente, o Cardeal Patriarca e os outros Bispos da Igreja foram conclusivos relativamente à vossa missão.

Mas esta carta não tem o fim de contar a minha história, mas para enviar a todos os Padres da Rua que trabalham nas diversas Casas do Gaiato e demais colaboradores, um grande abraço de solidariedade.

Assinante 53997».

O meu apreço

«Venho manifestar o meu profundo apreço pela vossa Obra, que o Padre Américo iniciou, e os senhores continuam com muito, muito valor, sacrifício e coragem.

Ainda me lembro, há anos, bastantes, de assistir nas férias de Verão à Eucaristia do Padre Américo, na Praia de Mira, e de ouvir o seu apelo a que ninguém resistia.

Eram tempos talvez mais moderados e daí o filme 'Não há rapazes maus', que vi várias vezes, sempre comovida.

Hoje, os senhores Padres e ajudantes têm os mesmos rapazes, e a tal Lei que só pretende estragar o Bem que prestam aos necessitados e ao País.

Por favor, acreditem que todas as pessoas com quem falo no assunto, todas vos defendem com o maior carinho e apreço. Bem-hajam!

Também envio a insignificância de 50 euros para 3 assinaturas: A

minha e a de dois filhos casados, pois fico muito consolada por saber que em casa deles há O GAIATO para lerem. Tenho quase a certeza que quando eu faltar serão assinantes também.

São bons filhos, honestos, trabalhadores e generosos. Claro, também têm defeitos como os outros.

Desculpem este arrazoado todo, mas a mim, quem tentar denegrir minimamente a Obra da Rua, põe-me desesperada e ofendida.

Quando puder, e se desvanecer este 'pesado' período de gastos para uma avó de seis netos e três filhos, mandarei mais qualquer coisa, de todo o coração.

Assinante 48490».

Não acredito em nada do que dizem

«Tal como há já alguns anos, venho enviar o meu modesto donativo a essa Casa ímpar que é a Casa do Gaiato.

Venho também desejar-lhes um Santo Natal e que o Ano 2005 vos traga tudo de bom e acima de tudo que essas vozes infames que andam a difamar essa nobre Casa se calem de uma vez, que metam as mãos na consciência e depois falem. Sim, porque essas vozes que se manifestam não pertencem senão a quem por culto tem a consciência pesada, como é o caso, por exemplo, da directora da Comissão de Protecção de Menores. Vejamos o caso da pobre Joana. Ela mesma disse na televisão que foram alertadas, mas não viram nada de especial e deixaram a pobre menina com a mãe e o padrasto, e passado algum tempo a criança foi assassinada. Se os vizinhos alertaram para os maus tratos, é porque existiam, as comissões é que não

investigaram bem. Agora eu pergunto quem será mais, ou pelo menos tão responsável, quem a matou ou quem poderia ter evitado tudo isto e não o fez? E esta senhora tem agora a distinta lata de vir dizer para a televisão para terem cuidado em enviar crianças para a Casa do Gaiato e acompanhá-las muito bem. É o cúmulo!

Quanto às outras vezes, essas apenas pretendem desviar atenções, não acham?

Eu como não acredito em nada do que dizem, e continuo a confiar nessa Obra maravilhosa e nessa Casa, peço a Deus tudo de bom para vós e que nunca nenhum governo, seja ele qual for, meta o nariz nessa abençoada instituição, pois se tal acontecer será uma desgraça.

Mais uma vez renovo os meus votos de Santo Natal e manifesto a minha total solidariedade para com essa instituição e muito especialmente para essa Casa e essa direcção por quem sinto muito carinho e que um dia espero visitar, pois ainda não tive essa felicidade.

Assinante de Guilhabreu».

Indignação

«Juntando-me a tantos corações que estão convosco e vos amam e tanto admiram o 'dar a vida' que é vossa palavra de ordem, eu quero em meu nome e de toda a minha família, manifestar a nossa indignação pela campanha difamatória de que tendes sido alvo.

Há mais ou menos 40 anos que sou assinante do 'Famoso' e já fiz saber a minha filha que quando eu morrer, ela seja a continuadora desta assinatura, pois, tal como eu, ela o lê com muito carinho.

Assinante 29928».

Tragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Fevereiro, 58.400 exemplares

dos Leitores

Correspondência de Família

Um bom exemplar do vosso trabalho

«A Segurança Social numa tentativa desenfreada de mostrar trabalho para justificar os salários chorudos pagos com o dinheiro dos contribuintes e para distrair os portugueses dos casos de negligência, como o da pequenina Joana que passou todo este tempo não se sabe ainda o que foi feito da menina. Os portugueses não são idiotas, conhecem bem a Obra da Rua, pois já deu provas mais que suficientes de que é capaz e que os seus métodos não estão caducos porque os valores são perenes.

Tenho em casa um belo exemplar do vosso trabalho, sou casada com o José Pereira de Pinho, mais conhecido entre os gaiatos antigos por: Pinho, de S. João da Madeira, que esteve em Paço de Sousa desde tenra idade e à volta dos dezassete anos integrou o grupo do qual fez parte o Padre José Maria, o 'Quim Carpinteiro' e a esposa, e mais uns rapazes que foram dar início à Casa do Gaiato de Maputo, então Lourenço Marques.

Somos casados há vinte e oito anos, temos três filhos. O Américo, a Manuela e a Sara. O trabalho não o assusta e em casa faz de tudo um pouco.

Quando casámos, em 77, tivemos o privilégio da presença dos senhores Padres Carlos e José Maria, assim como no baptismo do Américo e por aí fora...

Unidos, estamos portanto na mesma dor mas não tenho dúvida nenhuma de que as guerras montadas, não vão produzir efeitos.

Jesus Cristo, Vida e plenitude vos ajude a perseverar até ao fim.

Vou terminar citando Pai Américo: 'A Casa do Gaiato leva a Cruz de Cristo nas velas e singra a todo o pano em mar de Bonança'.

Ana Maria e José Pinho».

Descobrir a sua própria consciência

«Todos temos acompanhado na Comunicação Social o rol de notícias sobre a Obra da Rua, de que são parte integrante as Casas do Gaiato e o Calvário, pondo em causa os seus méritos e dando ênfase aos 'defeitos'. Venho, por isso, na qualidade de antigo gaiato, apresentar o meu testemunho e repudiar algumas conclusões de um certo relatório 'confidencial'.

Vim do Alentejo, órfão de mãe, vítima da miséria material e da incapacidade dos adultos em fazer um ambiente familiar saudável. Andava por lá, sem eira nem beira, fugido às sovas. Entrei na Casa do

Gaiato do Tojal em 1966, com 9 anos, e saí da mesma, no dia do meu casamento, aos 25 anos. Eis aqui um primeiro 'defeito' da instituição. Não tem uma idade limite para mandar um Rapaz embora, contrariamente à generalidade das instituições estatais.

Só a fúria mediática pode justificar a publicação de 'notícias' suportadas por fugas selectivas do referido relatório, de conteúdo que seria risível se não lhe suspeitássemos premeditações inqualificáveis. Falar em regime de clausura, na ausência de grandes superfícies nas imediações, não usufruto de guloseimas, de telemóveis e de roupa própria, leva-me a concluir que quem o afirma não esteve de facto dentro da instituição ou, se esteve, não tem consciência do que é uma Casa do Gaiato e do que é a função de educar. Depois, a dramatização do Natal! Quem é para o Rapaz a família durante todo o ano? E como ficariam aqueles que não têm mesmo ninguém? Porquê, então, 'ir a casa' pelo Natal? Eu nunca fui e não o lamento, antes pelo contrário.

A Obra é pobre mas não faz o culto do miserabilismo. Não impõe a pobreza ao Rapaz. Educa no contexto do País que somos — pobre! — ao serviço dos desprezados pela família e pela sociedade. A Casa do Gaiato não é reformatório, tutoria, casa de correcção ou instituto de reinserção social. Procura ser uma família para os sem família, por mais que isso custe a algumas entidades. Na minha opinião, a grande pobreza de afectos, a pobreza de valores, a miséria humana que gera órfãos com pai e mãe. Sei do que estou a falar!

É neste contexto que surge, para mim, o mérito maior da pedagogia de Pai Américo — o trabalho. Este insere-se na divisa 'Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes'. Eles são agentes da sua própria recuperação em ambiente saudável, longe da promiscuidade das ruas. É uma auto-educação acompanhada. Sejamos honestos. As Casas do Gaiato estão cheias de uma matéria humana muito difícil. Por isso é que lá estão. Não me vou alongar na descrição de vícios e ausência de hábitos saudáveis. Eles vieram para se salvar, para se fazerem Homens válidos a inserir na sociedade. A atribuição de tarefas gera auto-estima, cria a noção de responsabilidade e o apego do Rapaz àquilo que é seu. Ajuda-o a fazer opções na vida e, como dizia Pai Américo, fá-lo 'descobrir a sua consciência'. Revela-se a noção de comunidade. De servir e ser servido e deixar a obra para os vindouros. Eu pertenço à geração que ajudou a edificar a actual Aldeia do Tojal e tenho nisso muito orgulho. Só um conceito de

facilitismo e de educação na abundância, com demissão de responsabilidade, pode pôr em causa o método em apreço. Num tempo em que o nivelamento se faz cada vez mais por baixo, estimula-se a tentação de pensar que a vida se resolve com um qualquer concurso televisivo...

Outra característica que parece incomodar é a vida religiosa na Obra. A Casa do Gaiato não é um convento ou seminário. Pai Américo definia-a como 'santuário de almas'.

A prática de orações ao levantar e deitar, às refeições, o Terço e a Missa dominical não me parecem excessivas numa instituição da Igreja Católica. Se qualquer agremiação se arroga no direito de ter regras e fazer respeitá-las, como não reconhecer esse mesmo direito a uma Obra desta natureza? Sinto saudades do Terço comunitário rezado ao ar livre, no jardim, junto ao velho Palácio dos Arcebispos...

Por tudo o que tem sido dito sobre a Obra, no actual contexto da sociedade portuguesa, creio que talvez seja chegada a cada Diocese assumir mais a Casa da sua área e procurar suprir as eventuais necessidades de técnicos, entre os leigos, de forma a evitar o cortejo de funcionários com horário fixo. Além do encargo financeiro, isso não seria compatível com a entrega

total ao serviço dos outros, a tempo inteiro, como é prática dos Padres da Rua e das senhoras que por ela dão a sua vida. A todos eles o meu obrigado.

Termino citando o falecido Padre Luiz que deu a sua vida ao serviço dos Rapazes, no Tojal: 'Aceita-se quem faça melhor; dispensa-se quem saiba apenas mais'.

Jorge Cruz (antigo gaiato).

8 de Março

«Há pessoas, que jamais podem ser esquecidas, como, por exemplo, a D. Sofia que desapareceu com 80 anos de idade, no dia 8 de Março de 1988. Se calhar, até nem sou a pessoa mais indicada para falar dela, mas mesmo assim, por tudo quanto apreciei quando ela por cá andava, considero justo recordá-la na data que marcou o seu desaparecimento. Nos tempos em que vivemos, há muita falta de gente que se dedique como ela se dedicou à Obra e aos Rapazes, que tanto a consumiam. Não se acomodou! Por isso, é bom enaltecer o espírito de sacrifício e a sua dedicação. Não basta dizer estou... tem que se fazer... e sofrer por eles. Parece que estou a ver a preocupação dela com a rouparia; com os «Batatinhas», e eram bastantes; com os doentes do hospital, era enfermeira e médica; com o que tinha que se fazer para o almoço e jantar, e não tinha cozinheira, tudo fazia com os rapazes; com a merenda; com as roupas dos rapazes para a venda do jornal, com a roupa do

Domingo e do dia-a-dia, e não havia dela às toneladas como hoje. Ela não tinha ocupação específica! Ela só e para tudo! Sim, repito: ela só e para tudo! À noite, era a última a ir para o merecido descanso, depois de ver se tudo estava limpo e arrumado.

Uma senhora..., uma senhora mãe e não uma governanta. Mandava com autoridade, sem nunca contrariar as ordens de quem realmente era hierarquicamente superior. Talvez por isso, é que dificilmente alguém a contrariava. Ela sabia qual o seu lugar, respeitando tudo e todos. Os rapazes tinham-lhe respeito, mas ela também sabia dar-se a ele, respeitando-os! A eles. Aos rapazes, a razão de ser da Casa do Gaiato!

Não tinha mãos a medir. Não tinha sequer tempo para ver televisão. Não tinha tempo para se queixar de uma dor de cabeça. A vida da casa ocupava-lhe o tempo todo. Sentia sobre os seus ombros o peso da responsabilidade e não era seu feitio: deixa andar!

Recordo-me como que se fosse hoje, quando ela se zangava e dizia: «Apre! Vou-me embora. Meto-me no taf-taf (era o comboio) e vou prá minha terra». O carro dela não tinha rodas, não tinha volante, não tinha mala, e o comboio andava sempre cheio. Não tinha lugar para ela nem para a sua bagagem!...

Não vou dizer para voltares, porque é impossível, mas pede Àquele que está ao teu lado, que nos envie alguém parecido contigo para a Casa que mais precisar...!»

Alberto («Resende»).

Notas breves

«Com grande admiração e respeito pelo vosso trabalho e abnegação na Casa do Gaiato, que a 'porcaria' da nossa televisão quer denegrir com calúnia e malvadez, junto envio um cheque para a renovação da minha assinatura d'O GAIATO.

Assinante 21496».

«Escrevo para vos dizer que fiquei chocada, e até revoltada, ao ver uma senhora na TV dizer que era assistente social e criticar a Obra do Gaiato e para não mandarem para lá mais rapazes. Isto dito por quem tem o direito e o dever de trabalhar e ajudar estas Obras, que tão bem têm feito e fazem às pobres crianças que nada têm, é de repudiar, o mal a pagar o bem!

Assinante 76042».

«Cristo foi ainda mais aleijado. Que Deus continue a dar saúde e forças a quem tanto bem tem feito. As Mulheres e Homens de Portugal estão com a Obra do Padre Américo!

Assinante 18398».

«Para liquidação da minha assinatura anual, para manter a comunhão fraterna convosco que vos dedico, sob a Luz do Alto e do exemplo do Senhor Jesus Cristo, aos pobres e abandonados do mundo e do Reino, junto envio um cheque.

Um abraço fraterno. Sigo apreensivo as sombras do Poder que vos tentam enlaçar e enlamear; no entanto, a vossa dedicação, sem limites, a limpidez das vossas vidas não-de ofuscá-las, porque os vossos caminhos são rectos. São os caminhos d'Ele!

Assinante 45048».

«Ainda quero dizer uma coisa sobre as notícias negativas na comunicação social em Portugal: eu nunca constatei uma situação má para os meninos de rua, nem em Setúbal, nem em Boane! Penso que os jornalistas queriam criar um escândalo.

René Boezaard — de Holanda».

«Partilhando a vossa mágoa pelas calúnias e injustiças que os pedantes e incompetentes 'juízes' do nosso 'sistema' — os 'escribas' do nosso tempo, que nada fazem em prol dos seus irmãos, mas se habituem às 'doutas' invectivas das suas cátedras imerecidas — vimos apresentar-vos a nossa solidariedade e dizer-vos que rezamos pela Obra da Rua.

Assinante 57042».

«E que Deus vos ajude na campanha que está a ser movida e cujo comando seria bom descobrir.

Assinante 58589».

«Eu, a minha esposa e os três netos que temos, queremos vir hoje manifestar mais uma vez o apreço que temos por tão meritória e abençoada Obra. Que Deus vos continue a ajudar. É triste ter que ouvir aleivosias que são ditas de má vontade, de pensar no título do filme 'os cães ladram e a caravana passa'.

Assinante 24811».

«Duas palavras de estímulo para o momento difícil que atravessam.

Deus não dorme!... Parece-nos, às vezes. A Sua resposta virá na altura própria e então confundirá todos aqueles que O perseguem, que O caluniam, que O ofendem.

Confiemos n'Ele. Ele é a nossa esperança em todos os momentos de adversidade.

Assinante 77574».

Setúbal

Mãe ou madrasta?

TODO o filho gosta de sua mãe. Estou a falar do que é natural. Mas se em vez da mãe lhe dão uma madrasta, as entranhas revolvem-se e recusam.

Nós temos uma mãe — a Igreja. Nela se gerou a nossa Obra e do seio dela nasceu. Amparada por ela cresceu, e por ela foi fortalecida nos momentos difíceis. Da sua vida veio a nossa vida.

Agora, querem dar-nos uma madrasta, com mais influência na nossa vida que a da nossa mãe. A madrasta chama-se Segurança Social, e faz solidariedade social.

Quando nos falamos disto, as nossas entranhas revolvem-se e recusam. Todos sabemos como é que as madrastas conquistam os

enteados: pelo domínio, pela força, pelo medo.

Nós não permitiremos tal coisa, até porque já somos adultos. No entanto, as nossas entranhas revolvem-se...

Nós somos filhos, mas também somos mãe para os rapazes que se acolhem a nós.

Como se poderá obrigar uma mãe a recusar uns filhos e aceitar outros? Ou a deixar que uma

madrasta tenha o despudor de a querer substituir? Ou a encontrar-se com a madrasta para com ela combinar o que fazer com os filhos próprios e alheios?

A tudo isto nos querem obrigar!

Uma mãe não se deixa perverter. Ainda que sofra, ainda que chore e veja o desaparecimento de seus filhos, não se venderá aos interesses da madrasta e seus companheiros.

Sendo mãe dos nossos rapazes, continuamos a ter uma mãe — a Igreja. Dela havemos de continuar a ter o amparo e a sua força maternal.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Aonde reinar o espírito cristão pode sempre dizer-se como no tempo das catacumbas: «Olha como eles se amam!»

PAI AMÉRICO

Benguela

O Kavela

ESTOU triste, quando escrevo estas notas. Acabo de chegar do hospital de Benguela, onde ficou internado o nosso pequeno Kavela. Foi-lhe amputado o braço direito. Subiu, há dias, a um coqueiro muito alto e caiu. Ficou em tão mau estado que receei pela sua vida, antes e depois de dar entrada no hospital. Valeu-nos, logo à chegada, um anjo do Senhor que trabalhava no banco de urgência que dá pelo nome de Irmã Gertrudes. Tudo fez, de imediato, com o seu coração de mãe consagrada e a

sua sabedoria de profissional para o salvar. A nossa Teresa, desde a primeira hora, sangrava no coração como o Kavela sangrava no braço esfacelado. Eu ia ao volante, em silêncio. Ele não tem outra mãe nem outro pai.

São momentos dolorosos que falam muito alto, porque dizem a verdade do que é a nossa vida. Duraram até às três horas da madrugada, quando deixámos o hospital, de regresso a Casa. O Kavela ficou na sala de reanimação, depois de ser operado.

Até aqui parece tudo normal no caminho destes acontecimen-

tos ou outros semelhantes. Nunca, como naquela hora, gostava de ver, ao menos, um médico português a cooperar com os médicos angolanos. Mas não. Nem no hospital de Benguela e tão pouco noutros hospitais. É a cooperação coreana, não sei se do norte ou do sul, que está. Os enfermeiros responsáveis não ficaram satisfeitos com a operação, pela ausência grave de regras que põs em causa a sorte do braço do pequeno. Esta cooperação tem sido questionada, a nível superior. Sofro, não só pelo que aconteceu, mas também porque o povo merece muito mais cuidado.

Em área tão sensível, como é a da saúde, ficará no coração das pessoas quem mostrar mais solicitude para com elas. É aqui, onde a cooperação portuguesa

Da Educação

Continuação da página 1

Sofremos, sem dúvida, de um enorme défice de civismo. E este embora se aprenda desde o regaço materno, na escola e em outros ambientes de vida — apreende-se, sim, respirando-o. E por isso que todos temos necessidade de o inspirar, também todos temos o dever de o expirar — ou acabamos todos por morrer asfixiados.

Fala-se já para aí, com alguma frequência, na «educação para a cidadania». Mas até agora nada mais se vê do que algumas teorias. E a cidadania não se faz com palavras, mas com gestos e posturas perante a vida — a nossa e a de todos os homens.

Eu de internet pouco mais sei do que ela existe. Mas tenho os meus informadores devotados. E um dia destes recebi uma folha intitulada «Quanto ganha um

pobre?» Refere-se ainda à Europa só dos quinze e informa os limiares da pobreza em cada um deles. Em Portugal, o último, 387 euros. Na Grécia e em Espanha, os mais próximos de nós, 700 e 725 euros, respectivamente. A escala sobe sempre em crescendo até ao primeiro, o Luxemburgo, onde é considerado pobre quem tenha um rendimento inferior a 1928 euros. Já a Grécia e a Espanha quase duplicam para melhor a nossa situação. O Luxemburgo multiplica cinco vezes.

Claro que são números sujeitos a muitas leituras, mas que, de qualquer modo, reflectem uma abismal distância. Porquê?...

Será que o Luxemburgo tem minas de ouro ou de diamantes, ou poços de petróleo, ou fábricas de reputados automóveis? Não conta, até, a população do Luxemburgo uma considerável

percentagem de portugueses que colaboram e participam da economia daquele País? Então porquê?... Porquê lá e em outros lados, o emigrante português é geralmente bemquisto e faz a sua vida de cara levantada e aqui constituiria uma razoável classe média os que por lá começam a ser tidos por pobres?

Não vejo outra resposta a não ser no problema fundamental da Educação deficitária que contagia de défice todo o resto das estruturas nacionais: Escola, Saúde, Economia e Finanças, Segurança Social, Obras Públicas... tudo!

E se os nossos governantes, antes da posse (a fim de poderem ser bons pedagogos da falange imensa que vão comandar) fossem ao Luxemburgo fazer um estágio, com exames finais obrigatórios?...

Sim, Neemias, que «a alegria do Senhor seja a nossa fortaleza»!

Padre Carlos

Pão de Vida

Um pano de linho

SE fôssemos a contar as histórias das roupas, sujeitas a triagem, que nos têm chegado, vidas muito humanas seriam reveladas, como a daquela viúva que, numa situação de solidão, nos veio entregar o fato simples de comunhão do filho. E os tecidos usados por aqueles que esperam contemplar a brancura das vestes de Jesus?...

Um casal amigo veio, de mansinho, depor, em nossas mãos, um pano bordado, de linho antigo, para a tribuna da Leitura — a Mesa da Palavra. Não deixou a traça corroer, na arca, os fios tecidos nas noites frias, à luz do candeeiro, à lareira.

Feliz o homem que se dedica à Palavra, pois será como uma árvore plantada junto dos ribeiros.

O Homem das dores, que se presente no lençol de Turim, não pode ser ignorado pelos jovens, inundados por palavras agressivas e áridas, até de expansiva cristofobia. A melhor Notícia deve nutrir os corações e dar fruto a seu tempo.

Depois de uma seca prolongada, neste Inverno, nuvens car-

regadas pairaram no céu, que deram alguma chuva, preciosa, para alimentar as linhas de água.

As nossas fontes têm jorrado continuamente, tal como o eco que ressoa das Escrituras.

A palavra vale mais do que um presente, diz Ben Sira.

Em boa hora, em ritmo quinzenal, esta comunhão de palavras da Palavra, prenes de vidas sofridas e de vitórias, tem desaguado no rio da esperança, numa Folha com roupagem pobre, mas que não tem murchado com os ventos da história.

Quando, na hora das refeições, vejo rapazes a gravar, nas folhas brancas, por cima das toalhas, alguns traços, adivinhámos angústias nos retalhos das suas vidas passadas, batidas pelas ondas, nas areias da desagregação familiar.

As crianças não se podiam aproximar de um rabi. O Servo justo quebrou essa desordem, com uma toalha à cintura.

No tempo novo, que é o nosso, os predilectos do Mestre têm, entre nós, vez e uma voz simples!

Padre Manuel Mendes

tem um lugar privilegiado à sua espera. Quando será? A propósito: Um dia, fiz uma proposta ao médico cardiologista que sempre me acolhe e me trata, quando vou a Portugal. Num clima de confiança e muita amizade, pedi-lhe que viesse a Angola passar as suas férias, por exemplo. Resposta pronta: E se eu me apaixonar por Angola? Ficará, enquanto durar a paixão, respondi. E a minha mulher e os meus filhos? Calei-me. Recebi, há dias, correio electrónico do Sr. Dr. Paulo Dias, em que me fazia, agora ele, a proposta de lhe mandar um rapaz dos meus para estudar à sua responsabilidade. Que maravilha! Perdoe-me, sr. Dr. Paulo Dias, por não lhe ter respondido ainda, porque fiquei confundido e

envolvido na beleza da sua proposta.

Quem dera médicos apaixonados pela sorte deste povo! Quem dera que, ao menos, houvesse uma representação de médicos portugueses nos hospitais mais populosos de Angola! Mas, não! São coreanos, vietnamitas, egípcios, cubanos, brasileiros e russos. Mas, quem tem mais direito e obrigação? A voz da história reclama a presença de médicos portugueses. O povo, também!

O nosso menino Kavela, de 9 anos, levou-me por este caminho. Resta-me, agora, descobrir onde possa receber uma prótese. Ele vai ficar muito dentro do vosso coração, como está dentro do nosso.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

compêndios nem cursos, apenas movido pela sabedoria do Evangelho. Sempre assim até ao fim. Quando, já vergado pelo desgaste, mais do que pelo número de anos, tudo apontaria para um merecido descanso na sua casa de Miranda do Corvo, o seu ninho, como um dia lhe chamou, vimo-lo voltado de alma e coração para o Património dos Pobres passando para as páginas d'O GAIATO maravilhoso e apreciados testemunhos escritos e fotográficos de um apostolado escondido mas bem fecundo: o socorro aos necessitados de conforto e habitação. Tudo feito na descrição, a marca emblemática d'O GAIATO e da sua vida. Neste aniversário d'O GAIATO associamo-nos à festa que o Céu lhe faz, para glória de Deus.

Padre João